

**HADES**





**O Império dos Deuses**

# HADES

*Sigler*  
Kelly

Brasília  
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sigler, Kelly

Hades / Kelly Sigler. -- Brasília, DF :  
Ed. da Autora, 2026. -- (O império dos deuses)

ISBN 978-65-02-22327-7

1. Ficção brasileira 2. Mitologia I. Título  
II. Série.

26-376587.0

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Identificador Padrão Internacional de Nomes (ISNI) da autora: 0000000530510674



## DEDICATÓRIA

Este livro nasceu de um pedido.

Minha irmã Kátia sempre foi uma das minhas maiores incentivadoras. Foi ela quem, em uma de nossas conversas, me contou sobre a ideia de ver o deus Hades retratado por mim.

Ela descreveu como enxergava esse deus sombrio e solitário — e, ao ouvi-la, algo se acendeu em mim.

Comecei a imaginar. A desenvolver. A escrever.

Foi assim que o Império dos Deuses começou a se expandir. O que era apenas uma ideia tomou forma, cresceu, ganhou vida própria. E, para minha surpresa, esse universo que parecia tão simples revelou-se maior do que eu imaginava.

Mais do que um livro, nasceu um mundo.

E, com ele, surgiram outras histórias — como a de Dionísio e Ariadne, e tantas outras que ainda repousam em minha mente, aguardando o momento certo para serem contadas.

Então, Kátia, este livro é para você.

Porque foi o seu pedido, sua curiosidade e seu amor por essa história que me deram o impulso que eu precisava para escrever.

Obrigada por acreditar em mim. Por acreditar nesse universo. E por ser a primeira pessoa a querer conhecer o meu Hades.

Com todo o meu carinho,

Kelly

## AGRADECIMENTOS

Este livro chegou até você de diferentes formas.

Talvez você já conheça o Império dos Deuses — tenha acompanhado a jornada de Atena, se emocionado com seus guerreiros, se perdido nas tramas e reviravoltas que construíram esse universo. Talvez você tenha conhecido Dionísio e Ariadne, e se apaixonado por sua história de amor. Ou talvez este seja o seu primeiro contato com esse mundo — e você tenha começado justamente por aqui, pelo deus que guarda o limite entre o fim e o eterno.

Não importa como você chegou até este livro. O que importa é que você está aqui.

E eu sou profundamente grata por isso.

Escrever é um ato de solidão, mas publicar é um ato de encontro. E cada página que você leu, cada palavra que chegou até você, foi um pedaço de mim que eu decidi compartilhar. Saber que você dedicou seu tempo a esta história — que escolheu mergulhar neste universo, que se permitiu sentir, torcer, se emocionar — significa mais do que eu posso expressar.

Obrigada por dar uma chance a este livro. Obrigada por acreditar em Hades e Perséfone. Obrigada por fazer parte deste Império.

## PARA O MEU AMOR

Este livro também não existiria sem você.

Hawari, nossa história de amor me incentivou a acelerar o nascimento deste livro. Não sei ao certo o que o destino nos reserva, mas sou grata por ter te colocado na minha vida — independente do final desta jornada.

Porque, mesmo com oceanos de distância, você se fez presente todos os dias. Sempre de coração aberto, fazendo de mim uma mulher acolhida, escutada e profundamente amada.

Obrigada por me permitir carregar o seu sobrenome — **Sigler**. Cada livro que publico a partir de agora leva comigo a sua energia, o seu amor, a sua confiança. É a minha forma de renascer das cinzas e começar uma nova fase com o coração leve e o nome que escolhi para mim.

Obrigada por ser meu porto, minha inspiração, meu amor. Por esse amor que atravessou o oceano todos os dias para estar comigo, mesmo quando a distância tentava nos separar.

Este livro é seu também.

Com todo o meu amor,

Kelly Sigler

# SUMÁRIO

|                      |    |
|----------------------|----|
| CAPÍTULO 1.....      | 19 |
| O Conselho.....      | 19 |
| CAPÍTULO 2.....      | 27 |
| O Acordo .....       | 27 |
| CAPÍTULO 3.....      | 35 |
| O Jardim.....        | 35 |
| CAPÍTULO 4.....      | 41 |
| O Olhar .....        | 41 |
| CAPÍTULO 5.....      | 49 |
| O Amor Proibido..... | 49 |
| CAPÍTULO 6.....      | 57 |
| O Sexo .....         | 57 |
| CAPÍTULO 7.....      | 63 |
| O Toque .....        | 63 |
| CAPÍTULO 8.....      | 69 |
| O Vilarejo.....      | 69 |
| CAPÍTULO 9.....      | 77 |
| O Recado.....        | 77 |
| CAPÍTULO 10.....     | 85 |

|                    |     |
|--------------------|-----|
| O Vinho.....       | 85  |
| CAPÍTULO 11.....   | 91  |
| O Desejo .....     | 91  |
| CAPÍTULO 12.....   | 97  |
| O Desvendar.....   | 97  |
| CAPÍTULO 13.....   | 107 |
| O Cuidado.....     | 107 |
| CAPÍTULO 14.....   | 115 |
| O Traidor .....    | 115 |
| CAPÍTULO 15.....   | 123 |
| O Castigo.....     | 123 |
| CAPÍTULO 16.....   | 129 |
| O Sofrimento.....  | 129 |
| CAPÍTULO 17.....   | 137 |
| O Chicote.....     | 137 |
| CAPÍTULO 18.....   | 144 |
| O Quarto .....     | 144 |
| CAPÍTULO 19.....   | 153 |
| O Momento .....    | 153 |
| CAPÍTULO 20.....   | 161 |
| Os Ferimentos..... | 161 |

|                     |     |
|---------------------|-----|
| CAPÍTULO 21.....    | 169 |
| O Anjo Dourado..... | 169 |
| CAPÍTULO 22.....    | 175 |
| O Irmão .....       | 175 |
| CAPÍTULO 23.....    | 183 |
| O Trabalho.....     | 183 |
| CAPÍTULO 24.....    | 191 |
| O Ímpeto.....       | 191 |
| CAPÍTULO 25.....    | 199 |
| O Prazer .....      | 199 |
| CAPÍTULO 26.....    | 209 |
| Os Cuidados .....   | 209 |
| CAPÍTULO 27.....    | 217 |
| O Almoço .....      | 217 |
| CAPÍTULO 28.....    | 225 |
| O Resgate .....     | 225 |
| CAPÍTULO 29.....    | 233 |
| Os Dias .....       | 233 |
| CAPÍTULO 30.....    | 241 |
| O Ouvir .....       | 241 |
| CAPÍTULO 31.....    | 249 |
| O Diálogo.....      | 249 |

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| CAPÍTULO 32.....      | 257 |
| O Consolo.....        | 257 |
| CAPÍTULO 33.....      | 263 |
| O Anjo.....           | 263 |
| CAPÍTULO 34.....      | 273 |
| O Corredor .....      | 273 |
| CAPÍTULO 35.....      | 281 |
| O Anjo Negro .....    | 281 |
| CAPÍTULO 36.....      | 289 |
| O Pedido .....        | 289 |
| CAPÍTULO 37.....      | 303 |
| O Conflito .....      | 303 |
| CAPÍTULO 38.....      | 311 |
| O Imperador.....      | 311 |
| CAPÍTULO 39.....      | 319 |
| O Sexto Sentido ..... | 319 |
| CAPÍTULO 40.....      | 327 |
| O Submundo .....      | 327 |



## PRÓLOGO

### Hades

Eu sou a linha tênue que separa o fim do eterno.

Quem cruza, quem permanece, quem descansa... quem sofre... quem espera.

O Submundo não dorme.

E eu tampouco.

Enquanto meus irmãos se permitem excessos, paixões passageiras e corpos quentes sob noites esquecíveis, eu carrego o peso que nenhum deles suportaria por muito tempo.

Não há descanso quando se governa a morte.

Não há distração quando se vigia o destino.

Cada alma que chega traz consigo um último suspiro, um arrependimento, um desejo não realizados.

E todos eles passam por mim.

Aprendi cedo que envolvimento é fraqueza.

Que apego cria rachaduras.

Que amar é abrir espaço para perder — e eu não posso perder **nada**. Nem o controle. Nem o silêncio. Nem a ordem.

Foi assim que me afastei: de Zeus, do Olimpo, dos jogos divinos que confundem poder com prazer.

Eu sou o deus que observa, não o que toca. Que julga, não o que deseja. Ou ao menos... era.

Até que, a pedido de Atena, Zeus ergueu um império na Terra — um reino onde deuses e humanos dividiriam o mesmo espaço, sob a ilusória promessa de equilíbrio e paz.

E eu fui obrigado a permanecer ali.

Entre mortais.

Algo que jamais desejei.

Algo que sempre evitei.

Foi nesse império — construído para aproximar mundos que jamais deveriam se tocar — que encontrei aquilo que não procurei.

Uma mulher.

Uma humana.

Não foi o lugar.

Não foi o destino.

Foi o olhar.

Estou acostumado ao medo.

Ao pânico contido.

Ao instante em que os humanos baixam os olhos, desviam o rosto, prendem a respiração quando percebem quem eu sou.

Eles não me encaram.

Nunca encaram.

Mas ela...

Ela levantou o rosto.

E seus olhos — verdes, profundos, vivos — encontraram os meus.

Sem hesitação.

Não houve recuo. Não houve temor.

Apenas curiosidade.

Admiração silenciosa.

Ela me olhou como se eu não fosse a morte.

Como se eu fosse... algo a ser visto.

E naquele instante, algo dentro de mim — algo antigo, enterrado sob eras de controle — se moveu novamente.

Meu corpo reagiu antes da razão.

Um calor estranho percorreu minhas veias.

Minha atenção, que sempre foi absoluta, vacilou.

Ela não desviou.

Permaneceu ali, inteira, sustentando meu olhar como se não soubesse que deveria fugir.

Como se não sentisse medo.

Como se não entendesse que ninguém permanece diante de mim sem pagar um preço.

Meu corpo — moldado para a eternidade — começou a lembrar que também sabe arder.

Eu, que sempre controlei quem entra e quem sai, percebi tarde demais: ela havia atravessado sem pedir permissão.

E não houve decreto, nem julgamento, nem lei antiga capaz de impedir isso.

Porque quando um olhar não se curva...

quando uma mortal ousa ver além do que todos temem...

não há império, deus ou maldição que permaneça ileso.





## CAPÍTULO 1

### O Conselho

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Grande Sala do Conselho

As portas monumentais da Sala do Conselho se abriram com um rangido grave que ecoou pelas paredes de mármore escuro. A presença de Hades penetrou o ambiente antes mesmo que seus passos fossem ouvidos.

Os deuses já estavam reunidos. Cronos ocupava a cabeceira da longa mesa entalhada em ouro e obsidiana. Ao redor, divindades antigas observavam em silêncio — algumas com curiosidade, outras com evidente desconforto.

Três ausências, porém, eram gritantes.

Atena não estava ali. Poseidon tampouco. E Zeus... como sempre, escolhera não estar.

Hades caminhou até o seu lugar habitual, mas não se sentou. Apoiado na mesa, as mãos firmes sobre a superfície fria, ergueu o olhar lentamente, percorrendo cada rosto presente.

— Então é isso? — A voz veio baixa e carregada. — Vamos fingir que nada aconteceu com Atena?

Um murmúrio atravessou o salão.

Cronos manteve a expressão serena, mas seus olhos antigos estavam atentos.

— O Conselho está ciente do ocorrido, Hades. — Respondeu com calma.

— Mas não cabe a esta mesa discutir circunstâncias fora deste salão.

Hades soltou um riso breve, sem humor.

— Um acordo mitológico foi quebrado. Um juramento feito diante de deuses foi violado. E ainda assim, vocês preferem o silêncio?

— O Conselho julga atos, não intenções — interveio Apolo, cruzando os braços.

— Então não finjam ignorância — retrucou Hades, voltando-se para ele. — Porque o ato foi consumado. Poseidon quebrou o acordo!

Cronos levantou a mão, pedindo silêncio.

— Hades, ninguém aqui está negando os fatos. Mas decisões precipitadas só agravam conflitos antigos.

— Conflitos antigos? — Hades endireitou-se. — Isso não é antigo. É atual. É agora. E envolve algo que jamais deveria ter sido tocado!

O salão mergulhou em um silêncio mais denso.



— Onde está Zeus? — perguntou Hades. — Ele estava lá no juramento.

Hera suspirou e respondeu com desprezo contido:

— Onde sempre está quando algo sério acontece. Entre humanas.

Um leve desprezo passou pelo olhar do Senhor do Submundo.

— Conveniente.

Artêmis inclinou-se à frente.

— Há outro assunto urgente que exige atenção. Um acampamento humano foi atacado. Um massacre.

Hades inclinou a cabeça, pouco interessado.

— Humanos morrem todos os dias.

— Centenas — corrigiu Cronos. — E não eram rebeldes.

— Os sobreviventes relataram guerreiros vestidos de preto — acrescentou Artêmis. — Símbolos associados ao Submundo.

Hades sorriu de lado.

— Claro que relataram. Sempre apontam para mim quando não entendem o que veem.

— Eles estavam a caminho do Templo de Deméter — disse Apolo.

Hades estreitou o olhar. Deméter escolheu viver com os humanos há muito tempo. Assim como Atena.

O nome dela atravessou o salão como uma lâmina invisível.

Cronos apoiou os cotovelos na mesa.

— Independentemente disso, Hades, o Conselho considera o caso encerrado por ora.

Hades endireitou-se de uma vez.

— Encerrado? — repetiu. — Depois do que Poseidon fez?

Um silêncio absoluto se instaurou. Cronos não respondeu.

— O Conselho irá convocá-lo para prestar esclarecimentos — disse Cronos, por fim. — No tempo devido.

Hades soltou uma risada curta e amarga.

— Não sei por que ainda me surpreendo. Claramente não fará nada contra seu filho preferido.

Virou-se bruscamente, arrastando a cadeira ao se afastar da mesa.

— Se o Conselho prefere aguardar... eu não.

E, sem dizer mais nada, desapareceu.

### **Mar Mediterrâneo — Noite**

O vento cortava o convés do iate com violência quando Hades surgiu, materializando-se no centro da embarcação sem qualquer aviso.

Poseidon estava tão satisfeito com o que tinha conseguido que estava em volto em pensamentos que não notou a presença do irmão a sua frente.

Hades não esperou ser notado.

O soco veio seco, preciso, atingindo o lado direito do rosto do irmão e lançando-o ao chão com brutalidade.

Poseidon levou a mão ao maxilar, o olhar tomado por fúria ao reconhecer quem estava diante dele.

— O que faz aqui? — rosnou.

Hades, com um sorriso debochado no rosto respondeu:

— Você sabe muito bem o porquê da minha presença aqui!

Hades cruzou os braços e continuou:

— Você quebrou um acordo feito desde à época mitológica!

O Rei dos Mares se levantou.

— Não se meta nisso, Hades!

Hades começou a rir.

— Não me meter??? Me impuseram a aceitação desse acordo que, inclusive, foi criado por minha causa!!! É claro que eu me meto!

Poseidon estava sério.

Hades, já recomposto, começou a andar calmamente pelo iate observando a água do mar, agora em tom azul-escuro devido à noite. Graças à presença dele, vários peixes começaram a boiar mortos na superfície do mar. Voltou a olhar para Poseidon, com semblante sério.

— Sabe que deve explicações para o Império! Então aguarde ser convocado a qualquer momento, Poseidon!

Hades olhou para a direção do quarto onde Atena estava.

— E para o seu bem, termine logo com isso!

— Já chega, Hades! Retire-se! Se eu tiver que dar explicações, serão dadas na frente do conselho!

Para a surpresa de Hades, Atena apareceu em seu campo de visão coberta apenas por um roupão. E ela disse surpresa:

— Hades?

Hades a observou, ela continuava linda, como em todas as reencarnações, ela estava usando apenas um roupão branco, seus olhos azuis estavam surpresos, os cabelos castanhos ondulados soltos e claramente ela estava desconfortável com o que acontecia ali. Ele puxou um sorriso malicioso.

— Atena! Que visão maravilhosa meus olhos me proporcionam neste momento!

Poseidon entrou na frente de Hades para tirar a visão dele da deusa.

— Eu disse que já chega, Hades. Retire-se daqui! Está no meu domínio, caso não tenha percebido! Então volte para o seu!

Hades cruzou os braços. Sua expressão era tranquila, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Vindo dele era um péssimo sinal.

— Você tem muita sorte, Poseidon, do conselho não me autorizar a puni-lo da maneira que EU julgo que você mereça por submetê-la a tal situação!

Estou pouco me importando se estou no seu território! ELA NÃO É O SEU DOMÍNIO! – Hades se aproximou mais do irmão - Mas você sabia claramente disso! Por isso estou aqui!

Poseidon olhou sério, ouvindo atentamente cada palavra dita pelo Imperador do Submundo.

Um barulho de helicóptero pousando e suas hélices sendo desligadas em seguida puderam ser notados.

Nereo rapidamente ficou ao lado de Poseidon e também elevou a sua chama divina, protegendo seu senhor. Assim como o supremo da deusa Atena estava a sua frente a protegendo. Hades olhou para os supremos e sorriu.

— Se acalmem rapazes... Apenas vim trazer um recado! Não quero ter que matá-los por ousarem elevar as suas chamas divinas para um deus!

Hades olhou para Poseidon e puxou um sorriso sarcástico.

— Ah, esqueci de te falar, o soco foi cortesia minha! Até breve, Poseidon!

Hades desapareceu.

### **Império dos Deuses — Corredores do Castelo**

Hades reapareceu no corredor silencioso do castelo, os passos ecoando sob os vitrais escuros.

Cronos surgiu à sua frente quase imediatamente.

— Não me lembro de termos autorizado qualquer tipo de ataque ao Poseidon — advertiu.

Hades ergueu o olhar, um sorriso frio surgindo nos lábios.

— Não se preocupe, papai, seu filho favorito vai sobreviver!

E seguiu adiante, já certo de que, a partir daquele momento, nada mais permaneceria intocado.

## CAPÍTULO 2

### O Acordo

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Corredor

O corredor do castelo estava silencioso quando Hades caminhou em direção aos próprios aposentos. Vestia-se inteiramente de negro, como se a cor fosse parte da sua essência, e sua presença fazia o ar parecer mais denso a cada passo.

Ao passar diante da porta de Lui, seu guerreiro Supremo, não precisou chamar. Bastaram poucos segundos para que a porta se abrisse. Lui surgiu usando uma roupa toda preta e sua longa capa da mesma cor, o tecido escuro contrastando com os cabelos lisos e extremamente claros, quase prateados. Sem dizer nenhuma palavra, acompanhou o Senhor do Submundo.

Dentro do quarto de Hades, uma jovem humana realizava a limpeza. Assim que percebeu a presença dele, parou, assustada.

O olhar que Hades lançou foi suficiente para congelá-la. A voz de Hades ecoou pelo quarto, carregada de ira.

— Sua presença já contaminou todo o meu quarto. Saia. Agora!

A moça juntou os utensílios às pressas, as mãos trêmulas, e deixou o aposento em prantos. A porta foi fechada com força, o impacto ecoando pelo corredor.

— Humanos inúteis... — rosnou Hades.

Lui permaneceu em silêncio, observando com calma o acesso de fúria do seu deus. Seus olhos azuis-acinzentados, quase etéreos, não revelavam julgamento — apenas atenção.

— Quero arrancar a cabeça dele, Lui.

— Está falando de Poseidon — constatou Lui, com tranquilidade.

Hades começou a andar de um lado para o outro, os passos pesados sobre o mármore escuro.

— Você deveria ter visto a expressão dele quando entreguei o recado do Conselho. Age como se fosse intocável. Como se estivesse acima de qualquer consequência. Nem sequer demonstrou preocupação em se apresentar — isso, se é que pretende aparecer.

Lui inclinou levemente a cabeça.

— Não é do seu feitio agir como mensageiro, senhor. Por que foi até ele?

Hades parou e encarou Lui, um sorriso frio surgindo nos lábios.

— Porque além do recado, ele merecia um soco meu. Aproveitei a ocasião.



Um breve sorriso atravessou o rosto de Lui.

— Então é verdade. Ele quebrou o acordo da Trindade.

O semblante de Hades endureceu novamente.

— Sim. Um acordo que praticamente me obrigaram a aceitar. Criado por minha causa. — Ele respirou fundo. — E Zeus? Nem sequer lembra que existe um Conselho. Prefere se rebaixar, mais uma vez, aos prazeres humanos. Deixou tudo nas mãos de Cronos.

— Ou seja... seu pai — concluiu Lui, em tom neutro.

A fúria de Hades explodiu.

Com um único impulso, os vidros das janelas se estilhaçaram, fragmentos espalhando-se pelo chão como chuva cortante.

— MEU PAI NUNCA VAI PUNIR O FILHO FAVORITO! — a voz de Hades ecoou. — Poseidon cria tsunamis, afoga cidades inteiras, e todos fecham os olhos! Mas quando humanos morrem em um acampamento, exigem justiça! Hipócritas!

— E o que pretende fazer? — perguntou Lui, sem alterar o tom.

Hades passou a mão pelos cabelos negros, tentando conter a própria fúria.

— Não permitirei que ele saia ileso. Poseidon vai pagar pelo que fez com Atena.

O silêncio se instalou por alguns segundos.

— Zeus nos fez prometer que ficaríamos longe dela — continuou Hades, com voz mais baixa. — Disse que era para respeitar a vontade de Atena, mas

na verdade, queria me afastar. Sempre soube do que eu sentia por ela. Só não previu que Poseidon seria o verdadeiro perigo.

— Poseidon nunca respeitou limites — constatou Lui, em tom seco.

Hades soltou uma risada amarga.

— Ele a persegue em todas as reencarnações! Mesmo tendo sido punido a reencarnar em um corpo humano pelo que fez com a Medusa, ele não esquece a Atena. Sempre tentando provar que eles nasceram para ficar juntos! Ouviu inúmeros “nãos”. Sempre soubemos que Atena tinha um propósito maior. Que sua devoção era à humanidade. Nenhum de nós jamais conseguiu tocá-la de verdade.

— Então... como ele conseguiu? — perguntou Lui.

O olhar de Hades tornou-se sombrio.

— Chantagem, ameaça, tortura, só pode ter sido assim. E quero ver como ele pretende sustentar isso diante do Conselho. — O sorriso que surgiu em seus lábios era cruel. — A imortalidade às vezes atrapalha... se me permitissem, arrancaria o coração dele e o faria assistir enquanto ainda pulsasse nas minhas mãos. Depois teria o prazer de vê-lo desaparecer.

— Nesse caso a imortalidade ajuda. Poderá fazer isso mais de uma vez, até se cansar, meu senhor — sugeriu Lui, com um meio sorriso.

Hades riu, um som baixo e perigoso.

— Você sempre sabe como melhorar meu humor, Lui.

\*

Cronos estava sentado em uma das poltronas da sala principal quando a encarregada da limpeza se aproximou, nervosa.

— Senhor... perdoe-me, mas preciso da sua ajuda.

Cronos suspirou antes mesmo de responder.

— É sobre Hades, não é?

— Sim, meu senhor.

— Ele machucou alguém?

— Ainda não, mas está assustando as empregadas. Muitas se recusam a limpar os aposentos dele.

Cronos cruzou as mãos com calma.

— Hades faz isso para provocar. Se eu intervir agora, ele achará que venceu. Mas se ferir alguém... aí, sim, terei de agir.

A mulher fez uma reverência e se retirou.

\*



Hypnos, deus do sono, bateu à porta do quarto do irmão gêmeo.

— Pode entrar — respondeu Thanatos.

A cena era explícita demais para causar surpresa. Thanatos estava deitado, nu, acompanhado de uma serva igualmente despida. A mulher se levantou apressada, vestiu-se e saiu sem encarar Hypnos.

— Você nunca se cansa disso? — perguntou Hypnos, com desaprovação evidente.

Thanatos arqueou uma sobrancelha.

— Você deveria me agradecer. Dividimos as mesmas sensações. Estou te dando um pouco de emoção de qualidade. E quando verei você fazendo o mesmo em retribuição?

— Não brinco com os sentimentos alheios.

Thanatos sorriu.

— Elas me usam tanto quanto eu as uso. Estamos quites.

Hypnos respirou fundo.

— Vim falar de algo sério. Sentiu a fúria do Hades?

— Senti. — respondeu Thanatos, relaxado. — Mas ele está com Lui. Vai se acalmar. Se precisar de nós, chamará.

Thanatos bateu na cama ao lado.

— Sente-se, irmãozinho. Deixa-me te contar minhas aventuras e quem sabe você aprende alguma coisa...

— Vista-se — interrompeu Hypnos, já indo em direção à porta. — Hades pode nos chamar a qualquer momento.

E saiu, deixando o irmão rindo sozinho.

## CAPÍTULO 3

### O Jardim

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Jardim

Hades abandonou o quarto destruído, o som do vidro quebrado ainda ecoando em sua mente. Precisava de ar. Precisava de distância. Chamou Lui com um gesto curto e seguiu pelo corredor em direção ao jardim.

Uma serva surgiu à frente, os braços carregados de lençóis limpos. Ao perceber a presença do deus, tropeçou, quase caindo sobre ele. Hades recuou de imediato, o olhar fulminante.

— Preste atenção — A voz saiu gelada. — Quase me tocou.

A jovem pediu desculpas, pálida, e apressou os passos até desaparecer pelo corredor.

Hades observou-a partir com desprezo.

— Humanos... não fazem nada direito. Vamos, Lui.

O jardim do castelo se abria em caminhos sinuosos, cheios de flores e arbustos cuidadosamente cultivados. Hades, porém, escolheu a trilha do canto, à direita — a única que lhe agradava.

À medida que avançava, a vida se retraía. As flores murchavam, as folhas escureciam, e a trilha verde se tornava negra sob a influência silenciosa de seu poder.

Falavam do ataque ao acampamento.

— Alguém os alertou — disse Lui com calma. — É a única explicação para alguns terem escapado. O ataque foi rápido demais. Preciso demais para ter sido um erro.

Hades manteve o olhar fixo à frente, na trilha morta que se estendia diante deles.

— Apenas quatro sabiam do ataque — respondeu. — Os gêmeos, você e eu. Está sugerindo que há um traidor entre nós?

— Sim — disse Lui, sem hesitar.

Hades parou.

— Então precisamos de provas.

— Se me autorizar, investigarei os sobreviventes pessoalmente.

Hades refletiu por um instante.

— Não podemos permitir que o Conselho descubra nada além do que já sabe. Eles os vigiam de perto.



Lui inclinou levemente a cabeça.

— Podemos levar mantimentos e roupas. Solidariedade não levanta suspeitas.

Hades voltou-se para ele, um sorriso lento e perigoso surgindo em seus lábios.

— Às vezes me esqueço do quanto você é brilhante. Não foi à toa que você nasceu com a minha chama divina.

— Obrigado, senhor, é uma honra carregar sua chama divina.

— Está autorizado — concluiu Hades. — Descubra a verdade.

— Não o decepcionarei.

Hades voltou a caminhar.

— Eu sei, Lui, eu sei.

## **Castelo dos Deuses | Quarto de Hypnos**

Hypnos abriu a porta de seus aposentos e encontrou Perséfone arrumando a cama. Os longos cabelos ruivos estavam presos por uma fita verde simples. Ao vê-lo, ela sorriu.

— Bom dia, One. — Hypnos sempre a chama assim, abreviação carinhosa de Perséfone.

— Bom dia — respondeu ela. — Ainda estou terminando, espero que não se importe.

— Fique à vontade. Terei que sair novamente.

Hypnos notou o arranjo de flores sobre a cômoda, frutas frescas e um bule de chá fumegante. Parou diante deles.

— Por isso me atrasei um pouco — explicou Perséfone. — O chá ainda está quente.

— Obrigado. Você sempre faz mais do que deveria.

— Não me importo. Sei que gosta. Além disso, começo meus dias assim.

Ele serviu-se e bebeu.

— Está delicioso.

— Fico feliz. Está vindo de alguma reunião?

— Não. Do quarto do meu irmão — respondeu com um suspiro. — Como sempre, ocupado com outra mulher.

Perséfone fez uma careta.

— Me perdoe, senhor, mas ele não parece ser... uma boa pessoa.

Hypnos refletiu antes de responder.

— Nenhum de nós é completamente bom. Thanatos e eu compartilhamos emoções, ainda que em pequena medida. Ele carrega partes minhas... e eu, dele.

— Então talvez ele não seja tão ruim assim. — Concluiu ela.

Hypnos sorriu.

— Obrigado. — Colocou a xícara vazia na bandeja. — Preciso ir. Se eu demorar, ele se ocupará novamente. — Fez uma pausa, observando as flores. — Adorei o perfume delas.

— Quando voltar, tudo estará pronto.

— Gosto de saber que é você quem cuida dos meus aposentos.

— Eu também.

Hypnos saiu.

\*

Perséfone guardava os materiais quando a encarregada surgiu à porta.

— Terminou?

— Sim, senhora.

— Preciso que cuide de outro aposento. — A encarregada hesitou por um instante. — O quarto do deus Hades.

Perséfone hesitou por um instante e respondeu:

— Tudo bem.

— Ele não toca em ninguém — explicou a mulher. — As regras do castelo proíbem... e ele não gosta de humanos.

— Entendi.

— O quarto está cheio de cacos de vidro.

— Começarei agora.

\*

A porta se abriu, revelando o aposento em tons escuros: madeira pesada, cortinas densas, mármore frio. Vidros quebrados espalhavam-se pelo chão.

— Se ele aparecer — advertiu a encarregada —, não discuta. Apenas obedeça.

Perséfone caminhou até a janela e viu, ao longe, a trilha negra no jardim.

— Por que não cuidam daquela parte? — perguntou, curiosa.

— É por onde Hades caminha. Ele prefere assim.

A encarregada saiu, deixando-a sozinha no quarto do deus do Submundo.

## CAPÍTULO 4

### O Olhar

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Jardim

Hades caminhava pelo jardim quando levou a mão ao rosto, protegendo os olhos da luz intensa.

— Vamos retornar, Lui. — Hades apertou os olhos contra a luz. — Apesar da conversa estar sendo produtiva, o sol me irrita profundamente.

— Sim, senhor.

Seguiram de volta pelo corredor em direção aos aposentos do deus do Submundo. Ao se aproximarem da ala privada, Lui reduziu o passo.

— Vou me recolher aos meus aposentos. Mantereí o senhor informado de cada passo.

Hades assentiu.

— Leve alguns fragmentos do submundo com você. Assim, saberei em tempo real o que estiver fazendo.

— É claro, meu senhor.

Lui afastou-se em direção ao próprio quarto.

Hades girou a maçaneta e abriu a porta dos seus aposentos.

Dentro, uma linda mulher de cabelos ruivos intensos estava ajoelhada no chão, recolhendo cacos de vidro. Ao se virar, seus olhos verdes encontraram os dele pela primeira vez.

Perséfone perdeu o fôlego.

A beleza daquele deus não era apenas física — havia algo mais, denso, perigoso, que a prendia naqueles olhos azuis e implacável.

— Como ousa me encarar, serva? — A voz de Hades cortou o ar. — Sou um deus.

Ela piscou várias vezes, retomando a consciência, e baixou o olhar imediatamente.

— Me perdoe... eu não sabia.

Hades entrou no quarto, deixando a porta aberta.

— Retire-se. Agora.

Perséfone hesitou ao observar o chão ainda coberto de estilhaços.

— Senhor... ainda há vidros no chão. O senhor pode se machucar.

Hades parou. Um sorriso irônico curvou seus lábios.

— Acredita mesmo que preciso dos seus serviços inúteis?

Sem sequer se virar, ergueu a mão. Os fragmentos de vidro começaram a levitar, rodopiando no ar antes de serem arremessados para fora da janela. O chão ficou completamente limpo em segundos.

Perséfone observava, atônita.

— Agora saia — ordenou ele, a voz poderosa ecoando pelo aposento. — Sua presença contamina meu quarto.

— Sim, senhor...

Ela recolheu seus utensílios e saiu apressada, sem ousar olhar para trás.

### **Castelo dos Deuses | Sala de Jantar**

O horário do almoço reunia deuses e guerreiros supremos à longa mesa do castelo. Servos circulavam com discrição, atentos a cada necessidade.

Perséfone arrumou o lugar de Hypnos, o serviu e falou baixo:

— Bom almoço.

— Obrigado, One — respondeu ele com um sorriso gentil.

Thanatos inclinou-se para perto do irmão e sussurrou, malicioso:

— Que tal trocarmos de serva? A sua é bastante... interessante.

Hypnos lançou-lhe um olhar severo.

— Não se atreva a se aproximar da Perséfone.

Thanatos sorriu, divertido.

— Ora, ora... então está apaixonado.

— Não é isso. Ela é uma boa moça. Aprenda a respeitar as pessoas.

Thanatos deu-lhe leves tapas nas costas.

— Claro, claro. Vou fingir que acredito.

Alheia à conversa dos irmãos, Perséfone sentiu o estômago se contrair quando percebeu que sua próxima tarefa era servir Hades.

Ele estava sentado ao lado de Lui, de frente para os gêmeos Thanatos e Hypnos. Quando seus olhares se cruzaram novamente, ela se lembrou de não encara-lo. Contornou a mesa, colocando os pratos diante dele.

— Bom almoço, senhor.

Hades não respondeu.

Os servos se afastaram, mantendo distância respeitosa.

— Kael — chamou Artêmis —, você esteve na vila conforme ordenei?

— Sim, minha deusa. Os sobreviventes estão bem.

Artêmis lançou um olhar calculado na direção de Hades.

— Não quero que nada lhes falte. — A frase foi dita com clara intenção de provocar.

Hades ergueu os olhos lentamente.



— Se tem algo a me dizer, seja direta, Artêmis. E não ouse me olhar enquanto fala de assuntos que não me dizem respeito.

— Não entendo por que se mostra tão arisco quando falamos desses humanos — respondeu ela, com calma.

Hades pousou a faca com força sobre a mesa, fazendo barulho do metal contra a madeira como um som como aviso.

— Não me importo com esses seres insignificantes. Nunca escondi isso. O que me irrita é este Conselho insistindo em me perturbar por causa de ratos. Se está tão preocupada, adote-os como um animal de estimação.

— Chega — interveio Cronos, em tom firme. — Esses assuntos pertencem ao Conselho. Vamos comer em paz.

Hades empurrou a cadeira e se levantou.

— Sente-se, Hades — ordenou Cronos.

O deus do Submundo sorriu de lado.

— Perdi a fome, papai.

E saiu da sala.

Cronos olhou para a Artêmis com olhar de julgamento, ela cruzou os braços.

— Não tenho culpa se seu filho é tão sensível.

Hades entrou no quarto e encontrou quatro homens finalizando a troca dos vidros das janelas.

— SAIAM IMEDIATAMENTE!

Eles não precisaram de repetição.

A porta foi fechada com violência.

— Ratos...

Hades apoiou as mãos no batente da janela, encarando o jardim à frente. Respirou fundo, tentando conter a fúria.

Minutos depois, sentiu um aroma suave de comida. Mas não foi só isso. Reconheceu o cheiro antes mesmo de olhar: rosas e mel. Sabia quem era.

— Já disse que não estou com fome — falou, sem se virar. — Saia.

— Eu sei... — Perséfone hesitou. — Mas achei que tivesse saído da sala apenas para...

Antes que terminasse a frase, Hades lançou a bandeja contra a parede com a força da mente. O impacto espalhou comida e louça pelo chão.

— SE EU DISSE QUE NÃO ESTOU COM FOME, É PORQUE NÃO ESTOU! SAIA!

Perséfone ficou imóvel, chocada.

— Me desculpe... eu só quis ajudar...

Hades se virou lentamente e a encarou nos olhos de propósito.

— O SEU PROBLEMA É QUE FALA DEMAIS. — A voz era gelada. —  
NÃO QUERO SUAS DESCULPAS. NEM SUA OPINIÃO. NEM SEUS  
SERVIÇO. E MUITO MENOS A SUA PRESENÇA. SAIA. AGORA!

Perséfone abaixou a cabeça, sentindo o peso da humilhação, e deixou o quarto em silêncio.



## CAPÍTULO 5

### O Amor Proibido

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Quarto de Hypnos

Hypnos ouviu a porta de seu quarto se abrir e, ao erguer o olhar, viu Perséfone entrar com uma bandeja nas mãos.

— Trouxe um chá — disse ela, com a voz suave.

Hypnos observou-a com mais atenção do que o habitual. Os olhos verdes da jovem estavam levemente apagados, como se carregassem algo que ela ainda não tinha coragem de dizer.

— Está tudo bem? — perguntou ele, apoiando-se no encosto da cama.

Perséfone hesitou por um instante antes de responder.

— Está... — murmurou. — Apenas fiquei pensativa. Descobri que nem todos os deuses são indiferentes... ou gentis como o senhor.

Hypnos sorriu de leve. Seus cabelos loiro-dourados refletiam a luz suave que entrava pela janela, e os olhos cor de mel transmitiam uma tranquilidade quase reconfortante.

— Obrigado. — Ele inclinou a cabeça. — Está se referindo ao Hades, imagino.

Ela confirmou com um discreto movimento de cabeça.

— Não leve para o lado pessoal — continuou Hypnos, com gentileza. — Hades não suporta humanos. Não consegue sequer tocá-los.

— Isso ele deixou muito claro — respondeu Perséfone, com um meio sorriso triste. — Bem diferente do seu outro irmão... que parece gostar bastante de tocá-las.

Hypnos respirou fundo, desviando o olhar por um instante.

— Thanatos não respeita limites — disse, com certa amargura. — Nunca respeitou.

— Pelo menos o senhor parece gostar de nós — insistiu ela. — Sempre me tratou com respeito.

— Gosto — respondeu Hypnos, com sinceridade. — Vocês são... fascinantes.

Perséfone sorriu.

— Pela forma como falou, parece apaixonado. Está?

O deus do sono arqueou levemente a sobrancelha, surpreso, antes de sorrir.

— Sim... estou.

— Posso dizer por quem eu acho que o senhor está apaixonado?

— Pode tentar adivinhar.

Perséfone inclinou levemente a cabeça, analisando-o.

— Pelo modo como o senhor o observa na grande mesa... — Ela fez uma pausa. — Diria que está apaixonado por Kael, o supremo da deusa Artêmis.

O sorriso de Hypnos desapareceu.

Ele se levantou imediatamente, caminhou até a janela e olhou para fora, atento, como se temesse ser observado. Em seguida, fechou os vidros com cuidado e voltou-se para Perséfone, visivelmente abalado.

— Como descobriu isso? — perguntou em voz baixa.

— Seu olhar muda quando ele está por perto — respondeu ela com naturalidade. — Fica... mais vivo.

Hypnos passou a mão pelos cabelos loiros-dourado e suspirou.

— Perséfone, por favor, não conte isso a ninguém. Meu irmão não pode sequer suspeitar... e muito menos Hades.

Ela lhe entregou a xícara de chá. Hypnos a pegou e bebeu um gole lento, tentando se recompor.

— Não contarei — garantiu ela. — Mas por que isso seria um problema? Seu irmão se envolve com humanas sem pudor algum. Por que o senhor não pode amar quem quiser?

Hypnos pousou a xícara sobre a cômoda e sentou-se na cama.

— São muitas coisas envolvidas... — começou. — Kael, apesar de servir a Artêmis como se fosse um supremo, ele não desenvolveu nenhuma chama divina aos dezoito anos de idade, então é um simples humano, dedicado à sua deusa, mais humano. Hades considera isso uma afronta. Para ele, um humano comum jamais deveria ocupar tal posição de prestígio. Ele mal aceita a ideia de os humanos supremos terem chamas divinas, mas considera que ao menos eles tem poderes semelhantes aos dos deuses. Kael não tem nada disso.

Ele fez uma breve pausa antes de continuar:

— Lembre-se também de Lui. Hades o aceita porque ele carrega a chama divina do próprio Hades, que é raríssima... e porque Lui é tão implacável quanto ele. Eu, não. Apesar de ser um deus, sou diferente. E, para piorar, gosto de um homem. Um humano. — Sorriu de lado. — Thanatos jamais entenderia isso. Ele espera que eu seja exatamente como ele.

— E Kael? — perguntou Perséfone com cuidado.

Hypnos desviou o olhar.

— Acredito que ele só tenha olhos para Artêmis. Então esse meu amor, é um amor... platônico.

Perséfone ficou em silêncio por alguns segundos, então falou com doçura:

— Seus olhos refletem quem o senhor é. Eles brilham como mel ao sol. Merece ser feliz, Hypnos.

Ele sorriu, emocionado.

— Obrigado, Perséfone. E você? Já se apaixonou?



— Uma vez — respondeu ela, com um sorriso nostálgico. — Na juventude. Mas nunca passou disso.

— Então desejo que sua próxima paixão seja correspondida — disse Hypnos com sinceridade. — Que pelo menos um de nós viva isso plenamente.

### **Castelo dos Deuses | Quarto de Hades**

Lui abriu a porta do quarto de Hades e encontrou restos de comida espalhados pelo chão. O próprio deus estava deitado, encarando o teto, com o semblante carregado.

— Meu desejo agora é quebrar o pescoço da Artêmis — disse Hades, sem se mover.

Lui sorriu discretamente.

— Sabe que isso não a mataria.

— Mas aliviaria minha fúria — retrucou Hades.

— Uma cena... satisfatória, admito. — Lui aproximou-se alguns passos. — Se não precisar mais de mim aqui, gostaria de ir até a vila.

Hades sentou-se na cama.

— Vá. Descubra o que puder. Preciso saber se há um traidor.

Ele ergueu a mão, e partículas de sombra — finas como cinza, densas como vontade — surgiram ao redor de seus dedos, pairando silenciosos.

— Estarei atento — completou.

Os fragmentos se moveram lentamente até rodear Lui, dissolvendo-se em sua aura.

— Com licença, meu senhor.

Lui saiu do quarto.

## **Castelo dos Deuses | Quarto do Thanatos**

Thanatos ouviu a porta se abrir e encontrou uma jovem serva entrando timidamente.

— Desculpe, senhor... estou substituindo a sua serva habitual.

Thanatos percorreu-a com o olhar, detendo-se nas curvas que o uniforme mal escondia. Os cabelos negros caíam sobre ombros nus, e os olhos escuros brilhavam com interesse que ele conhecia bem.

— Sem problemas — disse, sorrindo. — Pode começar.

— Prefere que eu limpe enquanto o senhor sai?

— De forma alguma — respondeu ele, aproximando-se. — Gosto de acompanhar o serviço.

Quando a jovem passou por ele, Thanatos tocou-lhe o quadril com descaramento. Ela se assustou, mas sorriu nervosa.

— Desculpe... não resisti — murmurou ele. — Você é linda.

— Senhor... posso ser demitida — disse ela, hesitante.

— Não direi nada... se você também não disser.

Ela ergueu o olhar para ele. A beleza do deus estonteante: alto, pele clara, cabelos negros ondulados, olhos azuis-acinzentados cheios de desejos. Hesitou por um instante, depois assentiu.

— Então... — disse Thanatos, aproximando-se — posso ajudá-la a se livrar dessas roupas?

Ela confirmou em silêncio.

Thanatos sorriu, satisfeito.



## CAPÍTULO 6

### O Sexo

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Quarto de Thanatos

Thanatos aproximou-se da serva com passos lentos, predatórios. Ela tinha cabelos longos e negros, o corpo curvilíneo sob o uniforme simples. Ele posicionou-se atrás dela, inclinando-se para beijar-lhe o pescoço, enquanto sua mão deslizava pelo tecido do vestido.

— Vou te ajudar com isso, meu bem — murmurou ao pé de seu ouvido.

Com um único puxão, rasgou o uniforme, deixando-a apenas de lingerie. Thanatos sorriu, satisfeito, e comentou em tom baixo e lascivo:

— Eu sabia que você tinha um belo traseiro.

Ela sorriu, nervosa.

— Obrigada, senhor.

— Guarde os agradecimentos — respondeu ele, seguro de si. — Prefiro recebê-los depois.

Thanatos a virou de frente, segurou-a pela nuca e a puxou para um beijo intenso. A língua invadiu a dela sem delicadeza, conduzindo o ritmo, enquanto sua mão apertava-lhe as nádegas. A serva sentiu a rigidez dele contra seu corpo e arfou ao perceber o quanto ele já estava excitado.

O beijo terminou, deixando-a sem fôlego.

— Pelos deuses... — sussurrou ela.

Thanatos sorriu, satisfeito, pegou-a no colo e a colocou no centro da cama, observando-a como quem avalia uma conquista.

— Já estive com algum deus? — perguntou.

— Não, senhor... com nenhum.

Ele afastou-se da cama e começou a despir-se com calma, consciente do efeito que causava. Alto, imponente, com o corpo perfeitamente definido, parecia uma obra esculpida para o deleite. Quando ficou completamente nu, voltou o olhar para ela.

— Então preciso causar uma boa primeira impressão.

Segurou a própria ereção e a estimulou com a mão, provocando-a deliberadamente.

— Ele vai cuidar muito bem de você. — Thanatos apoiou a mão na própria ereção, provocando-a.

— Tenho certeza disso — respondeu ela, sem desviar o olhar.

— Agora é a sua vez — ordenou.

A serva sentou-se na cama e soltou o sutiã, deixando os seios à mostra. Em seguida, retirou lentamente a calcinha. Thanatos observava cada movimento com atenção faminta.

— Um convite irresistível... — murmurou.

Thanatos subiu na cama. Ela o observava, sentada sobre os calcanhares, os olhos fixos nele.

— Mostre-me o que sabe fazer com essa boca gostosa, meu bem.

A serva sorriu e se posicionou na frente da ereção dele, a segurou com uma das mãos e deslizou os lábios sobre ela. Thanatos gemeu com o contato quente e úmido.

— Assim... continua.

A serva se dedicou a dar prazer com a boca de todas as formas, arrancando gemidos mais altos dele. Depois de um tempo, Thanatos a fez parar. A deitou no colchão, deixando-a de frente para ele.

— Sua boca faz maravilhas! Agora eu vou saborear seu belo corpo.

Os beijos desceram lentos e provocantes: pescoço, seios, barriga... A serva arqueou o corpo, entregando-se aos estímulos, até que o prazer a fez tremer.

— Perfeito — disse Thanatos, satisfeito. — Agora é a minha vez.

Thanatos a beijou, deixando-a novamente sem fôlego. Desceu os beijos pelo pescoço até chegar nos seios fartos, sugando os mamilos com maestria. Ela gemeu, arqueando o corpo. Ele deslizou dois dedos para dentro da entrada úmida da serva. Ela gemeu mais alto com a introdução.

— Pelos deuses... — Ela gemeu.

Thanatos continuou estimulando-a com os dedos, arrancando gemidos altos dela.

— Adoro esses sons de prazer!

Thanatos desceu os beijos pela barriga dela até que chegou na sua entrada e começou a chupá-la. A serva arqueou o corpo ao sentir a língua dele a estimulando.

— Que delícia, senhor!

Thanatos continuou a deslizar sua língua e a movimentar os seus dedos dentro dela. Ela ofegava, os gemidos se tornando mais agudos, até que seu corpo se contraiu em um orgasmo intenso.

— Isso! Perfeito! — Thanatos posicionou a ereção na entrada. Introduziu-se lentamente, parou no meio do caminho e precisou colocar mais um pouco de força para prosseguir até o final. Ela fez uma pequena careta de dor. Os dois gemeram quando ele entrou todo. Ele olhou nos olhos dela e perguntou:

— Você era virgem?

Ela confirmou.

Thanatos sorriu, de canto.

— Começar a vida sexual em alto padrão vai frustrar você com os meros mortais, meu bem.

Ela sorriu.

— Só... não se apaixone — advertiu, antes de voltar a mover-se dentro dela.



— Sim, senhor. — Ela assentiu, completamente tomada pelas sensações.

Ele aumentou o ritmo, guiando-a até um novo ápice, sentindo-a apertá-lo com força.

— Assim... isso...

Quando decidiu que era o suficiente, afastou-se e indicou outra posição. A serva obedeceu sem hesitar.

Thanatos a observou por um instante antes de se posicionar atrás dela.

— Perfeita.

As investidas tornaram-se mais intensas, até que ele a segurou com firmeza e se entregou ao próprio prazer.

Depois, deixou-se cair ao lado dela na cama, respirando fundo.

A serva virou-se para ele, ainda ofegante.

— Você é incrível, senhor... obrigada.

Thanatos sorriu, satisfeito.

— O prazer foi todo meu, meu bem..



## CAPÍTULO 7

### O Toque

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Jardim

Perséfone caminhava pelo jardim com uma pequena cesta de palha apoiada no braço. Aproveitava o sol suave da tarde enquanto colhia frutas maduras e folhas frescas para o chá. Quando terminou, parou diante da macieira e sorriu em agradecimento.

— Obrigada mais uma vez... seus frutos estão cada vez mais saborosos — murmurou. — Da última vez, confesso que não resisti e comi duas maçãs.

Virou-se em direção ao sol, fechando os olhos. Inspirou profundamente, absorvendo o calor que tocava sua pele e a energia que parecia pulsar no ar.

— Se eu pudesse, passaria o dia inteiro aqui fora... — disse em voz baixa. — Essa luz é maravilhosa.

Seu olhar, então, foi atraído para a parte mais escura do jardim. O caminho de folhas secas e galhos enegrecidos — o trecho por onde Hades costumava caminhar. Com passos cautelosos, Perséfone aproximou-se. Ao alcançar um dos galhos mortos, tocou-o com delicadeza.

— Não consigo entender por que ele faz isso... — sussurrou.

Olhou ao redor, certificando-se de que estava sozinha. Em seguida, voltou a atenção ao galho ressequido. Fechou os olhos e elevou seu poder.

O negro começou a ceder ao verde. A vida percorreu lentamente o caule, fazendo brotar folhas viçosas até que, na ponta de seus dedos, surgiu um botão. Em poucos instantes, abriu-se revelando uma rosa vermelha, intensa e vibrante.

Perséfone sorriu, encantada.

— Eu sabia que você era linda!

Seu olhar percorreu o muro coberto de flores secas e mortas.

— Eu adoraria cuidar de todas vocês... — disse com tristeza. — Mas não posso, não aqui.

Voltou-se para a rosa.

— Posso colhê-la?

Sorriu, como se tivesse recebido uma resposta silenciosa.

— Obrigada.

Com cuidado, colocou a flor na cesta e retornou ao interior do castelo.

## Castelo dos Deuses | Quarto de Hades

Perséfone abriu a porta devagar. O quarto estava vazio. Aproximou-se da cômoda e ali dispôs a bandeja com frutas frescas, uma xícara de chá e a rosa rubra recém-colhida.

Ao virar-se para a parede suja de restos de comida, balançou a cabeça em negativa.

— Como ele é genioso...

Começou a limpar com cuidado. Recolheu a sujeira, organizou o ambiente e, em seguida, arrumou a cama com esmero, esticando os lençóis negros e ajeitando os travesseiros.

A porta se abriu.

Hades parou na entrada. Por alguns segundos, permaneceu imóvel observando-a. Havia algo nela que o desarmava — e isso o irritava profundamente.

Desviou o olhar.

— Por que voltou? — perguntou, a voz saiu seca.

Perséfone se virou, confusa, mas respondeu com calma:

— Sou a responsável por cuidar dos seus aposentos, senhor.

Hades entrou e fechou a porta atrás de si.

— Isso nunca impediu as outras de irem embora.

Aproximou-se da cômoda e pousou os olhos na rosa. Por um instante, pareceu hesitar. Depois, tocou-a.

A flor murchou instantaneamente, perdendo o vermelho vivo até tornar-se um caule escuro e sem vida.

Perséfone conteve o impacto da cena.

— Eu... não costumo abandonar minhas responsabilidades — disse, esforçando-se para manter a voz firme.

Hades tocou nas frutas. Elas secaram, escureceram, tornaram-se inúteis.

— Interessante... — murmurou, sem tirar os olhos dela. — Quanto o meu pai está te pagando?

Ela piscou, confusa.

— Recebo o mesmo que qualquer criada do castelo.

Hades virou-se lentamente. Seu sorriso era frio.

— Você sabe muito bem o que perguntei.

Caminhou até ela e, com um gesto, fechou as cortinas, mergulhando o quarto em penumbra.

— Não abra. A luz me irrita.

Perséfone tentou obedecer, mas não conseguiu evitar encará-lo. Ele era exatamente como se lembrava: imponente, belo, perigoso.

— Perdoe-me... eu não sabia — disse.

— Como se soubesse de alguma coisa — rebateu ele. — E então?

— Creio que não entendi a pergunta.

Hades deu a volta na cama e parou diante dela. Estavam próximos demais. Perséfone sentiu o perfume delicioso de água fresca que emanava dele.

— Meu pai está te pagando — repetiu, a voz baixa. — Quanto?

— Já respondi, senhor.

Ele inclinou o rosto, a voz baixa e cortante:

— Eu poderia matá-la por mentir para mim. E ninguém impediria isso.

O coração de Perséfone acelerou — não por medo, mas por algo mais profundo.

— Sei do seu poder... — respondeu, sustentando o olhar. — Mas não estou mentindo.

Hades sorriu, cruel.

— Então superestimei sua inteligência. Meu pai escolheu bem a atriz... mas lembre-se: você é humana. E posso drenar sua vida com a mesma facilidade que a de um rato.

Ela abaixou a cabeça, mas não recuou.

Hades deu-lhe as costas e seguiu para a sala privativa de seus aposentos, fechando a porta atrás de si.

Sozinha, Perséfone respirou fundo. Aproximou-se da rosa morta e tocou o galho seco.

— Me desculpe... — murmurou. — Vou cuidar de você.

Colocou o vaso e a xícara no carrinho de limpeza, descartou as frutas e, após certificar-se de que tudo estava em ordem, deixou o quarto em silêncio.





## CAPÍTULO 8

### O Vilarejo

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Quarto de Hades

Hades fechou a porta da sala privativa com um gesto seco e caminhou até a janela. Abriu apenas o suficiente para que o ar entrasse e estendeu a mão para fora, mantendo-a suspensa no vazio por alguns instantes.

O ar à sua frente começou a se condensar.

Fragmentos cinzentos surgiram lentamente, girando ao redor de seus dedos como cinzas suspensas no tempo. Silenciosos. Obedientes. Moldados pela sua vontade. Hades sorriu de lado.

Caminhou até a mesa maciça de madeira escura e sentou-se na cadeira preta. Com um leve gesto da mão, os fragmentos se agruparam, formando uma superfície etérea diante de seus olhos.

Hades se concentrou. A visão se abriu.

Lui avançava montado em um cavalo negro imponente. Usava uma longa capa escura que contrastava com seus cabelos loiro-claríssimos, quase brancos, lisos e longos, que caíam sobre os ombros. Seus olhos azul-acinzentados, frios e atentos, observavam cada detalhe ao redor.

O cavalo carregava mantimentos presos à sela.

Ao alcançar a entrada do vilarejo, Lui deslizou o olhar para os fragmentos cinzentos que flutuavam discretamente ao seu redor — invisíveis para qualquer mortal.

— Estamos mais perto do que longe — murmurou.

Desceu do cavalo e seguiu conduzindo-o pelas rédeas. Os moradores o observavam com cautela. Alguns reconheciam sua postura, suas vestes, a aura silenciosa que denunciava ligação com o Império dos Deuses. Evitavam encará-lo diretamente e saíam de seu caminho.

Lui avançou sem pressa, analisando o terreno. À distância, avistou uma pequena aldeia.

— É por aqui.

Ao se aproximar, notou mulheres carregando água, homens trazendo lenha e crianças correndo em meio a risos e gritos. Lui franziu o cenho.

— Impressionante como têm pessoas que não valorizam o silêncio e ainda criam seres pequenos que insistem em fazer barulho... — murmurou. — Tudo para gerar descendência.

Sentia-se no caminho certo.

Avistou um poço. Uma jovem aldeã enchia um balde de água. Lui deixou o cavalo próximo e aproximou-se com passos silenciosos.

Quando a moça se virou, assustou-se ao vê-lo tão perto e soltou o balde, que caiu do ar.

Lui o segurou antes que atingisse o chão.

A jovem ficou paralisada. Nunca havia visto alguém tão pálido, tão alto, tão belo. Os cabelos claros, os olhos azuis de tom incomum... parecia irreal.

— Perdoe-me — disse ele com voz calma. — Não quis assustá-la.

Colocou o balde no chão.

— Uma jovem não deveria carregar tanto peso sozinha.

Ela sorriu, sem jeito, afastando o cabelo do rosto.

— Estou acostumada...

O olhar dela percorreu as vestes escuras, o cavalo, a postura imponente.

Lui tomou a mão dela com delicadeza e beijou-lhe o dorso.

— Fui indelicado. Meu nome é Lui. Não sou daqui. Sirvo ao Império dos Deuses. Estou em missão.

Apontou discretamente para os mantimentos.

— Preciso entregá-los, mas creio ter me perdido. Poderia me ajudar? Qual é o seu nome?

— Tina — respondeu, ainda atônita.

— Um belo nome. Diga-me, Tina... onde fica o acampamento dos sobreviventes do ataque?

Ela empalideceu.

— Por Deméter... — sussurrou.

Olhou ao redor antes de falar mais baixo:

— Não devemos comentar sobre eles. São ordens do Império.

Lui inclinou-se levemente.

— É, eu sei, estão em um local seguro para evitar que sofram outro ataque. Queremos protegê-los, afinal, são inocentes e todo cuidado é pouco para mantê-los a salvo. Não acha?

Ela confirmou que sim.

Ele fez uma breve pausa.

— O problema é que me pediram para trazer esses mantimentos, e meu parceiro não pode vir. É a primeira vez que estou me dirigindo para o local, mas creio ter entendido errado. Jurava que era por aqui. — Ele olhou para a moça. — A não ser que uma linda jovem, chamada Tina, possa me ajudar.

Ela sorriu sem jeito.

— Para falar a verdade, está no caminho certo, sim ...

Lui puxou um sorriso.

— Que ótima notícia! Então não entendi tão errado afinal...

Ela apontou para um conjunto de árvores ao longe.

— Depois delas há uma trilha. Ela leva até o acampamento.

Lui pegou a mão direita da jovem e deu um beijo no dorso.

— Tina, agradeço imensamente a sua ajuda, sem ela eu não acharia o acampamento.

Ela sorriu satisfeita por ter sido útil.

— De nada, aquela pobre gente precisa mesmo de muita ajuda.

— Sim, foi lamentável o que ocorreu com essas pessoas! Mas estão protegidas agora! Mais uma vez, obrigado!

Montou no cavalo e partiu na direção indicada pela moça. Ao passar pela aldeã, acenou com a cabeça e seguiu em frente.

## **Castelo dos Deuses | Quarto de Hades**

Hades observava em silêncio. Os fragmentos cinzentos flutuavam diante de si, refletindo cada detalhe.

Um sorriso satisfeito curvou-lhe os lábios.

— Muito bem, Lui... — murmurou. — Não esperava menos de você.

Com um gesto sutil, os fragmentos se dispersaram no ar, desaparecendo como cinzas ao vento.

## **Castelo dos Deuses | Quarto de Hypnos**

Hypnos estava sentado na cama quando Perséfone lhe entregou a xícara vazia.

— Obrigado, One. Estava delicioso, como sempre.

— Fico feliz que tenha gostado.

Hypnos observou-a com atenção. Havia algo diferente nela.

— Está tudo bem? — perguntou. — Desde que começou a cuidar do quarto do Hades, parece distante.

Ela apoiou a xícara na cômoda. Virou-se para o amigo, encostou o corpo na madeira e cruzou os braços. Respirou fundo, mas não disse nada. Apenas o olhou nos olhos cor de mel.

— Sabe que pode contar comigo, não é?

Ela desviou o olhar para o chão.

— Sim, eu sei...

— E então?

Perséfone colocou uma mecha do seu cabelo vermelho atrás da orelha. Ergueu o olhar para ele.

— Hypnos... eu deveria ter medo dele?

O deus se levantou de imediato e segurou-lhe as mãos.

— O que ele fez com você?

— Nada... — respondeu rápido. — Não me tocou, estou bem.

Hypnos a encarou com seriedade.

— Então a resposta é sim. Deveria ter medo. Mas, se pergunta, é porque você não tem.

Ela assentiu.

— Eu sei que deveria... mas não tenho.

Hypnos abaixou a cabeça e respirou fundo.

— One, mantenha distância dele, para o seu próprio bem. Não é seguro.

A porta se abriu.

Hades e de Thanatos surgiram no batente. Ambos viram a cena: Hypnos segurando as mãos de Perséfone, os dois próximos demais.

Thanatos abriu um sorriso divertido. Hades, ao contrário, endureceu o rosto. Seu olhar se fixou nas mãos de Hypnos sobre as de Perséfone.

— Hypnos — disse Hades —, acompanhe seu irmão. Temos uma missão.

— Sim.

Hypnos soltou as mãos de Perséfone.

— Depois conversamos, One, com licença.

Hades se afastou para deixar Hypnos passar. Quando o irmão cruzou a porta, Thanatos deu uns tapinhas em seu ombro.

— Esse é o meu irmão! Olha só... dentro dessa geleira existe um vulcão.

— Não fale besteiras — Hypnos o cortou, sem olhar para trás.

Hades foi o último a sair. Antes de fechar a porta, lançou um olhar para Perséfone — longo, sério, carregado de algo que ela não conseguiu decifrar.

A porta se fechou.



## CAPÍTULO 9

### O Recado

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Corredor

Hades caminhava à frente pelo corredor de pedra, passos firmes e silenciosos. Logo atrás, Thanatos e Hypnos o seguiam em direção à biblioteca.

Thanatos inclinou-se levemente na direção do irmão e falou em voz baixa:

— Isso explica muita coisa... essa sua cara de apaixonado que você tem feito nos últimos dias.

Hypnos não olhou para ele.

— Não começa, Thanatos. Está vendo coisas.

Thanatos sorriu, claramente se divertindo.

— Então deixa eu te contar algo ainda melhor: ela também está com cara de apaixonada, irmão.

Hades parou abruptamente. Os ombros se tensionaram. Sem entender o porquê do seu sangue simplesmente ferver com o que escutou. Virou-se lentamente, o olhar azul-claro duro como lâmina.

— Vocês dois podem parar imediatamente com esse tipo de assunto irrelevante!

Hypnos inclinou levemente a cabeça.

— Tem toda razão, meu senhor.

E deu uma discreta cotovelada no gêmeo.

— Ai! — reclamou Thanatos. — Já entendi, já entendi!

Hades abriu a pesada porta da biblioteca e entrou. Os irmãos o seguiram e fecharam a porta atrás de si.

## **Castelo dos Deuses | Biblioteca**

Thanatos cruzou os braços.

— Em que podemos servi-lo, Hades?

O Imperador do Submundo retirou de dentro do manto um envelope branco e o mostrou aos dois.

— Preciso que entreguem esta carta ao meu querido irmão caçula.

Hypnos pegou o envelope com cuidado.

— Não será simples entregar isso em mãos. Zeus está sempre... ocupado.

Hades apoiou-se na mesa central da biblioteca, segurou um pequeno globo terrestre e começou a girá-lo lentamente com os dedos.

— Sei muito bem do desafio.

Thanatos puxou um sorriso perigoso e sugeriu:.

— Se nos autorizar a usar um pouco de violência, garanto que essa carta chegará rapidamente. Talvez com algum sangue... mas chegará.

Hades ergueu o olhar e sorriu de canto.

— Seria uma cena maravilhosa de se assistir. Mas não posso autorizar. Já tenho problemas demais com o Conselho. E, francamente, se eu o visse pessoalmente, poderia ir além do aceitável.

Com um movimento seco da mão, Hades esmagou o globo. Os cacos de vidro se espalharam pelo chão com um estalo.

— Aquele inútil nos deixou à mercê do nosso pai para passar os dias se deitando com humanas. Criou essa farsa de Conselho apenas para dar mais voz a esses ratos insubordinados.

Ele olhou diretamente para os dois.

— Estou me antecipando. Sei que Cronos vai postergar o julgamento de Poseidon o máximo possível. Preciso apenas confirmar se Zeus foi notificado. Entreguem a carta a alguém de confiança. Quero provas de que ele foi comunicado.

Hades afastou-se da mesa.

— Podem se retirar. Sejam breves.

— Sim, senhor — respondeu Hypnos.

— Como desejar — completou Thanatos.

Os dois saíram.

Hades lançou um olhar rápido ao relógio de parede e, em seguida, deixou a biblioteca, dirigindo-se à sala de jantar.

### **Castelo dos Deuses | Sala de Jantar**

Hades seguiu até sua cadeira habitual. Todos já estavam sentados, aguardando o início da refeição.

Ártemis notou imediatamente a ausência dos gêmeos. Recostou-se na cadeira, cruzou os braços e encarou Hades.

— Por quanto tempo ainda teremos de esperar os seus... lacaios?

Antes que Hades respondesse, Reia interveio:

— Ártemis, por favor, não comece.

Hades lançou um olhar irônico para a mãe.

— Não me diga que a senhora ainda se surpreende. A necessidade constante de Ártemis em ser inconveniente já deveria ser previsível.

Ártemis sorriu, fria.

— Impressionante como uma simples pergunta o irrita.

Hades recostou-se na cadeira, cruzou os braços e sorriu com desprezo.

— O que me impressiona é como você consegue dizer tanta besteira em tão pouco tempo. Chama dois deuses de lacaios... e depois se ofende quando questiono o título que você deu ao seu guerreiro humano.

Ele inclinou-se levemente à frente.

— Como devo chamá-lo? Rato promovido? — Fez uma pausa, o sorriso cruel. — Ou você realmente acredita que basta nomeá-lo para tirá-lo da condição de verme?

Ártemis ficou séria de imediato.

— Não ouse falar de Kael, ele ...

Hades bateu a mão na mesa e se levantou.

— E EU NÃO ADMITO QUE FALE DOS MEUS GUERREIROS! — A voz ecoou pelo salão. — QUE SÃO DEUSES DE VERDADE! Principalmente quando você insiste em endeusar um humano qualquer!

Hades pegou uma maçã da mesa.

— Não percebe que chamar uma maçã de uva não a transforma em uva?

A fruta secou em sua mão, tornando-se negra. Ele a arremessou. Apolo interceptou antes que atingisse a irmã.

— Controle-se, Hades! — advertiu.

— Controle sua irmã, Apolo.

Ártemis levantou-se também.

— Não seja hipócrita! Você mantém um humano como sombra!

Hades cruzou os braços, sorrindo.

— Impressionante que até o meu “humano” é superior ao seu, porque o Lui é um SUPREMO. Um Supremo Especial, tem a MINHA chama divina no sangue. — Fez uma pausa. — Mas, seguindo sua lógica, bastaria que eu o chamasse de deus e ele se tornaria um, não é?

Ele se inclinou sobre a mesa, encarando-a.

— Lui daria um deus infinitamente melhor do que você! Você é tão inútil quanto o seu próprio pai.

— Não fale de Zeus! — gritou Ártemis. — Você não chega aos pés dele!

Hades sorriu com escárnio.

— Realmente é difícil chegar aos pés dele quando estou no topo.

Ártemis ia responder, mas Cronos levantou-se.

— Já chega! Ártemis, sente-se!

Ela obedeceu, visivelmente furiosa.

— Hades, sente-se também.

Ele o fez lentamente.

Reia tentou mudar o foco:

— Filho, quando seus guerreiros deuses retornam?

— Ao contrário de alguns, os meus estão em missão — respondeu, seco. —

Não jantarão conosco.

**82 | KELLY SIGLER**

Ártemis abriu a boca, mas Cronos a interrompeu novamente.

— Eu disse que já chega.

— Vovô, ele não para de provocar o Kael! — protestou ela.

Hades sorriu.

— Não citei nomes. Se a ofensa serviu... ótimo.

Ártemis levantou-se de vez.

— Perdi a fome.

Apolo segurou-lhe o braço.

— Não dê a ele o que quer.

Kael se levantou.

— Deseja que eu a acompanhe, minha deusa?

Ela respirou fundo.

— Sim. — Seu olhar se desviou para Hades. — Para o seu próprio bem.

— Faça-nos esse favor — disse Hades. — E leve seu cão para passear.

Ártemis lançou-lhe um olhar mortal.

— Vai se arrepender.

— Duvido. Mas o contrário é bastante provável.

Ela saiu com o seu guerreiro.

Cronos suspirou, passando a mão pelos cabelos.

— Será possível termos uma refeição em paz?

— Claro, papai — respondeu Hades. — Basta amordaçá-la.

Reia lançou-lhe um olhar severo.

— Basta, Hades. Vamos comer.



## CAPÍTULO 10

### O Vinho

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Sala de Jantar

Os servos permaneciam agrupados em um dos cantos da sala, aguardando a ordem para servir o jantar. Observavam em silêncio a discussão que se desenrolava entre Hades e Ártemis, atentos, tensos.

Caroline inclinou-se levemente e falou apenas para Perséfone ouvir:

— Sinceramente, amiga... não sei como você ainda não desistiu.

Perséfone voltou o rosto para ela, mantendo o tom baixo.

— Por que diz isso?

Caroline lançou um olhar rápido na direção de Hades.

— Por causa dele. — Respirou fundo. — O que ele fez com aquela maçã, One... ele pode fazer com qualquer um de nós. Nunca pensou nisso? Não tem medo?

Perséfone seguiu o olhar da amiga. Hades estava em pé, braços cruzados, o corpo rígido, encarando Ártemis com desprezo absoluto.

— Ah, Carol... — respondeu, com uma suavidade que surpreendeu até a si mesma. — Para ser sincera, eu sei que deveria. Mas não tenho medo nenhum dele.

Caroline arregalou os olhos e segurou o braço da amiga.

— Por Zeus, One! Está falando sério? Cadê seu instinto de sobrevivência?

Perséfone sorriu de leve.

— Acho que nunca tive.

Caroline cruzou os braços, claramente contrariada.

— Estou falando sério! Isso é perigoso! Você deveria pedir para cuidar de outro deus. A encarregada está mais do que acostumada a trocar quem fica responsável pelo quarto do deus Hades. Ela nem pergunta o motivo!

— E por quê? — perguntou Perséfone, genuinamente curiosa.

— Histórias. Muitas histórias. — Caroline baixou a voz. — Dizem que, se você olhar nos olhos dele, ele faz o mesmo que fez com a maçã... ou te transforma em pedra.

Perséfone soltou um suspiro.

— Pelos deuses, Carol... ele não é a Medusa.

— E quem vai testar isso? Eu, com certeza, não!

— Posso garantir que isso é invenção — respondeu Perséfone. — Além do mais, alguém precisa servi-lo.

Caroline soltou uma risada curta, sem humor.

— Ele não precisa. Sempre fez questão de se servir sozinho. Vive dizendo que somos inúteis. — Ela olhou para Perséfone com seriedade. — Você sabe que ele pode levitar tudo, não sabe? É a primeira vez que permite que alguém o sirva.

Perséfone voltou o olhar para Hades.

— Eu... não sabia disso.

— Pois é. — Caroline tocou o braço da amiga. — Então pense bem. Não se preocupe com ele. Se preocupe com você.

Reia sinalizou discretamente. Era a ordem para servir.

— Boa sorte, amiga — murmurou Caroline. — Você vai precisar.

Os servos se dispersaram.

\*

Hades estava sentado, o cotovelo apoiado no braço da cadeira, o indicador encostado nos lábios, o polegar no queixo. Observava Perséfone atravessar a sala. Ele a localizava facilmente — o cabelo vermelho intenso se destacava entre os tons neutros dos demais servos.

Ela sentiu o olhar dele antes mesmo de alcançá-lo.

E, mesmo sabendo que não deveria encará-lo, não conseguiu desviar os olhos, ver aqueles lindos olhos azul-claros era hipnotizante para ela.

Quanto mais se aproximava, mais percebia os detalhes: os cabelos negros longos, a pele clara, deixavam os olhos azul-claros mais evidentes nos cílios negros. Um contraste com a beleza divina e o poder destruidor que emanava dele.

Ela ficou ao seu lado e respirou fundo. Conseguiu perfeitamente sentir o cheiro maravilhoso que emanava da sua pele: água fresca.

— Com licença, senhor.

Ela se inclinou para organizar os pratos e os talheres. Em seguida pegou a garrafa de vinho e serviu-o. Hades virando a cabeça levemente para o lado dela — e teve uma visão privilegiada do seu decote.

Ele respirou fundo — e sentiu o cheiro que emanava da pele dela: rosas e mel. Desviou o olhar. Pegou a taça cheia e bebeu o vinho de um só gole.

— Quer mais vinho, senhor? — perguntou ela, em tom baixo.

Ele não respondeu. Apenas ergueu a taça na altura do rosto.

Perséfone tornou a servi-lo.

— Bom apetite... com licença.

Ela se afastou.

\*

Os servos permaneceram atentos, aguardando qualquer chamado.

Caroline inclinou-se novamente.

— Hoje à noite vai visitar sua mãe?

— Sim — respondeu Perséfone. — Você sabe como ela fica quando não apareço.

Caroline sorriu.

— Ao contrário de você, prefiro ficar aqui. É mais seguro. E observar a briga da família dos outros é bem melhor do que a da minha.

As duas sorriram discretamente.

\*

Hades pousou o guardanapo sobre a mesa e recostou-se na cadeira, cruzando os braços. Olhou diretamente para Cronos.

— E então, papai? Quando será a próxima reunião do Conselho?

Cronos terminou de mastigar antes de responder.

— Não temos novas provas que justifiquem outra reunião no momento.

Hades sorriu com ironia e balançou a cabeça.

Sem usar as mãos, fez a garrafa de vinho levitar e encheu sua taça.

Perséfone deu um passo à frente, mas Caroline segurou seu braço.

— Eu disse que ele se serve sozinho — sussurrou. — E quando envolve o pai ou Ártemis... fique longe.

Perséfone permaneceu onde estava.

Hades levou a taça aos lábios, bebeu um gole e a pôs novamente na mesa.

— Você sabe muito bem que não falo do ataque ao acampamento — disse, sério. — Falo do julgamento de Poseidon. Quero uma reunião. Agora.

Cronos desviou o olhar.

— Precisamos aguardá-lo. Ele tem direito de defesa.

Hades sorriu, frio.

— Claro. Ele virá espontaneamente... não é?

— Você disse que o avisou. Agora resta esperar.

Hades bateu a mão na mesa. Os objetos tremeram. Os servos recuaram.

— ELE NÃO VIRÁ! — a voz dele ecoou pelo salão. — E O QUE VOCÊ QUER É POSTERGAR ESSE JULGAMENTO!

Cronos ergueu o olhar, severo.

— Este não é o lugar, Hades. Controle-se.

Hades levantou-se abruptamente.

— SÓ VOU ME CONTROLAR QUANDO POSEIDON ESTIVER AQUI! — apontou para o pai. — ELE TEM DOIS DIAS! OU EU MESMO IREI BUSCÁ-LO, NEM QUE SEJA NAS PROFUNDEZAS DO OCEANO!

Ele se virou para sair.

— NÃO VAI LIVRÁ-LO DESSA VEZ, PAPAI.

E deixou a sala.

## CAPÍTULO 11

### O Desejo

#### Império dos Deuses — Grécia

##### Castelo dos Deuses | Quarto de Hades

A porta do quarto se escancarou com a força da mente de Hades.

— ELE PENSA QUE SOU IDIOTA!

A porta se fechou com a mesma violência.

Hades avançou até as cortinas e as afastou abruptamente. O céu ainda guardava os últimos tons dourados do pôr do sol. Ele abriu a janela e apoiou as mãos no batente, respirando fundo, permitindo que o ar da tarde tocasse sua pele.

Precisava se acalmar.

E a noite poderia causar isso.

O céu escurecia lentamente, os tons de azul profundo sendo pontilhados pelo surgimento das primeiras estrelas.

Então, ele ouviu a porta se abrir.

Não se moveu. Apenas respirou fundo, a cabeça baixa.

— Como pode perceber, está tudo em ordem — disse, a voz fria. — Pode informar isso ao meu pai. Sei que é por isso que está aqui.

Perséfone permaneceu alguns segundos parada à porta. Hesitou. Depois, empurrou o carrinho e entrou, fechando a porta atrás de si.

— Perdoe-me, senhor... infelizmente não vim em nome do deus Cronos. Apenas trouxe algumas coisas para o seu quarto.

Hades se virou.

E parou.

Perséfone não usava o uniforme cinza habitual. Os cabelos ruivos, antes presos, agora caíam soltos em ondas longas até a cintura. O vestido verde-esmeralda moldava-lhe o corpo com delicadeza, destacando as curvas suaves, a pele clara, os olhos da mesma cor profunda do tecido.

Hades permaneceu apoiado na janela, observando-a em silêncio.

Respirou fundo. Passou a mão pelos cabelos negros.

— O que pretende, afinal?

Perséfone, visivelmente sem jeito, colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Perdoe-me, senhor... estou de saída. Apenas quis deixar essas coisas e me retirar para não incomodá-lo.

Começou a retirar os itens do carrinho.



Hades afastou-se da janela e deu alguns passos em sua direção.

— Por que eu não acredito em nada do que me diz?

Ela organizava frutas sobre a cômoda. Sentia a presença dele se aproximar, o perfume da sua pele ficando mais intenso.

— Mas estou dizendo a verdade, senhor — respondeu com calma.

— Deve haver uma explicação para essa sua persistência em me servir...

— Sou paga para isso, senhor — disse, simples. — Apenas faço o meu trabalho.

Perséfone voltou ao carrinho, pegou a garrafa de vinho e a taça. Ao colocá-las sobre a cômoda, a taça ficou mal apoiada. Tombou.

Ela tentou segurá-la, mas o vidro se partiu. Um caco soltou-se e cortou-lhe o dedo indicador.

— Ah... — gemeu, levando a mão ao corpo.

Virou-se de costas para a cômoda, pressionando o dedo ferido.

— Perdoe-me, senhor... não foi minha intenção...

Hades parou.

Olhou para ela.

Os olhos, antes azul-claros, estavam escurecidos. As pupilas dilatadas. Algo mudara nele.

Sem dizer uma palavra, começou a se aproximar.

Por alguns instantes, Perséfone esqueceu completamente o corte.

O coração batia rápido demais.

Ele estava vestido inteiramente de preto, o contraste realçando ainda mais a pele clara, quase etérea. Nos olhos dele, havia algo diferente.

Desejo.

— Pelos deuses... — sussurrou ela, quase sem perceber.

Ele se aproximou ainda mais. Perséfone umedeceu os lábios sem perceber, os olhos presos nos dele.

Ele é perfeito, pensou.

Hades observou os lábios dela. Depois subiu o olhar para os olhos verdes — que agora pareciam negros, pela dilatação da pupila. A respiração dela era perceptível, pelo subir e descer dos seios. Ele respirou fundo e olhou para o dedo cortado que ela segurava junto ao corpo. Devagar ele levou o seu indicador ao corte e tocou-o. Ela gemeu. Ele registrava cada expressão de dor que ela fazia.

Perséfone o olhava nos olhos dele — agora negros — e percebeu que seu gemido de dor, fazia os olhos deles criarem dois lindos círculos brilhantes. Ela estava entre a mistura de excitação e dor ao mesmo tempo. Mas apesar de tudo, ela não queria que ele se afastasse. Ela estava surpresa com o simples fato dele a estar tocando.

Ele abaixou o olhar para o dedo dela e tirou o seu dedo de cima do corte. Segurou a mão dela e devagar trouxe o dedo indicador com o corte para os seus lábios.



## Perséfone

Hades desviou o seu olhar negro dos meus olhos e voltou a sua atenção para o meu corte. Desta vez, ele pegou a minha mão. Sentir sua mão macia e quente contra a minha. Eu respirava ofegante. Tinha sérias dúvidas se aquilo era real.

Então, para a minha surpresa, ele voltou a me olhar nos olhos. Levou o meu dedo indicador aos seus lábios. Abriu a boca. Colocou o meu dedo dentro. E deslizou sua língua quente e macia pelo corte.

A temperatura do meu corpo subiu rapidamente. Gemi — de dor e de prazer.

Ele respirava entrecortado. Ofegante, como eu. Seus olhos voltaram a criar dois círculos luminosos.

Ele tirou meu dedo da sua boca quente. Olhou para os meus lábios. A voz saiu mais grave que o normal.

— Saia do meu quarto.

Ele se afastou. Virou-se de costas. Levou ambas as mãos à cabeça e as deslizou até a nuca, olhando para cima.

Pisquei, tentando entender.

— Perdoe-me, senhor... eu...

Sem se virar, a porta se abriu com o poder dele.

— AGORA.

Peguei meu carrinho e saí, fechando a porta atrás de mim.